

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DA PESSOA CEGA - REFLEXÃO SOBRE ÉTICA E SOLIDARIEDADE¹

NURSING ASSISTANCE: PERCEPTION OF THE VISUALLY IMPAIRED: A
REFLECTION ABOUT ETHICS AND SOLIDARITY

ASISTENCIA DE ENFERMERÍA: PERCEPCIÓN DEL INVIDENTE:
REFLEXIÓN SOBRE ÉTICA Y SOLIDARIDAD

Eugênia Maria Costa²
Danniely Nascimento Castro²
Lorita Marlena Freitag Pagliuca³

RESUMO: Enfrentar um internamento hospitalar não é tarefa fácil e quando o paciente é uma pessoa cega, torna-se ainda mais complexo, pois a falta de visão retarda sua adaptação. A equipe de enfermagem, como lida constantemente com o paciente, precisa oferecer apoio nesse momento de crise, e o profissional enfermeiro, como chefe da equipe de enfermagem, precisa estar capacitado para intervir. Este trabalho é um estudo de caso onde pretendeu-se refletir sobre a assistência prestada pela equipe de enfermagem e a atuação do enfermeiro junto a uma paciente cega durante um internamento hospitalar. A análise qualitativa dos dados baseou-se no modelo de categorias temáticas. Os achados mostraram que a experiência de hospitalização da deficiente visual contemplou as temáticas comunicação, assistência de enfermagem, ética, direito a saúde e deficiência visual.

PALAVRAS-CHAVE: enfermagem, cegueira, comunicação, ética

INTRODUÇÃO

O pensar e o agir voltados para a assistência, não a um paciente, mas a um ser humano, levando em consideração a sua história de vida, deve ser prioridade em todas as áreas, principalmente a da saúde, pois a partir de uma falha nesse processo podemos desestruturar ainda mais o indivíduo que no momento já precisa de cuidados.

A enfermagem como profissão do século XXI preconiza a visão holística do indivíduo. No entanto essa assistência fica ameaçada quando os mesmos se deparam com situações que fogem do normal. Os profissionais não estão preparados para lidar com pessoas que possuem necessidades especiais, dentre elas os cegos. Na verdade esse problema vem da formação acadêmica, pois a universidade não os preparou para lidar com essa clientela diferenciada e, além dessa dificuldade, ainda existem as barreiras da própria instituição, que raramente dispõe de material voltado para o uso desses clientes. Diante destes obstáculos, a comunicação é ineficaz e a assistência de enfermagem fica comprometida, prejudicando essas pessoas que

¹ Trabalho realizado no Projeto Integrado Saúde Ocular/CNPq e premiado no 51º Congresso Brasileiro de Enfermagem e 10º Congresso Panamericano de Enfermería no prêmio Glete de Alcântara.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem/UFC. Bolsista CNPq.

³ Orientadora. Profª Dra. do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará (UFC).

necessitam de atenção.

A idéia de fazer esse estudo surgiu devido a aproximação que as autoras tiveram junto a um grupo de cegos e, a partir desse contato, notou-se a importância de, como profissionais, oferecer-lhes uma assistência de enfermagem de qualidade que só se efetivará se forem respeitadas suas necessidades especiais.

Nesse trabalho pretendeu-se refletir sobre a assistência de saúde prestada pela equipe de enfermagem e a atuação do enfermeiro junto ao paciente portador de cegueira, levando em consideração a escassez de programas e serviço de saúde adequados para atender essa parcela da população.

OBJETIVOS

GERAL

Analisar a experiência de uma pessoa cega a um atendimento de saúde hospitalar, observando a qualidade da assistência de enfermagem e seus aspectos éticos.

ESPECÍFICO

Refletir sobre a atuação do enfermeiro frente ao atendimento de saúde relatado pelo cego.

REVISÃO DE LITERATURA

Deficiência

A organização das Nações Unidas celebrou o ano de 1981 como o ano internacional da pessoa portadora de deficiência (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 1997). Esse ano significou o começo de muitas mudanças, pois a partir desse momento muitas vitórias foram alcançadas. O deficiente começou a conquistar sua cidadania, saindo da margem da sociedade para fazer parte dela, começando a ser visto como alguém competente e responsável por si mesmo.

Os pais de crianças portadoras de necessidades especiais atentaram para o fato de que seus filhos tinham os mesmos direitos das demais crianças ditas "normais", como saúde, amor, segurança, respeito, dignidade e sobretudo educação. E a partir daí começou a se observar um número cada vez maior de deficientes alfabetizados.

Em todos os lugares e em todos os níveis da sociedade, existem pessoas com deficiência. "Por causa de deficiências mentais, físicas ou sensoriais, há em todo o mundo mais de 500 milhões de pessoas com deficiência às quais devem se reconhecer os mesmos direitos e ser dadas iguais oportunidades de que desfrutam os outros seres humanos. Com muita frequência essas pessoas são obrigadas a viverem em condições desvantajosas, devido a barreiras físicas e sociais existentes na sociedade, que se opõem a sua participação" (BRASIL, 1997b, p.11)

A política atual e as questões sociais refletem nas condições de vida das pessoas, e isso não é diferente junto ao deficiente visual, pois essas questões influenciam diretamente na sua vida no momento em que problemas como ignorância, abandono, medo e superstição repercutem no seu desenvolvimento como pessoa e como cidadão.

Os direitos humanos são direitos de todos e por isso devem ser protegidos. Estes não são apenas um conjunto de princípios morais que devem informar a sociedade a criação dos direitos, mas assegurá-los aos indivíduos e as coletividades. Eles compõem-se de uma série de normas jurídicas voltadas a proteger os interesses mais fundamentais da pessoa humana (BRASIL, 1997b).

A igualdade de direitos segue o princípio que de as necessidades de todas as pessoas tem igual importância e os recursos devem ser empregados de modo que garantam a mesma oportunidade de participação para todas as pessoas. Numa sociedade ainda injusta como a do Brasil, com graves desigualdades de renda, promover os direitos humanos é muito difícil.

A grande finalidade das *normas e recomendações internacionais sobre deficiência* é assegurar que portadores de necessidade especiais, na qualidade de membro das suas respectivas sociedades, possam ter os mesmos direitos e obrigações que os demais (BRASIL, 1997a).

A saúde é parte de uma estrutura complexa que é inserida em um contexto histórico-social. Ao tratamento da questão saúde, fatalmente haveremos de abordar outros assuntos que incidam sobre ela, isso acontece devido a grande influência que a mesma sofre das outras áreas. Estes interesses externos têm contribuído para o estabelecimento de uma estrutura, onde a assistência se dá de forma precária e discriminatória.

Aos profissionais não cabe apenas o fazer técnico. No caso específico da saúde, seu compromisso não se limita à manutenção da saúde ou ao restabelecimento de doentes, pois, mais do que isso, deve-se lembrar que esse mesmo paciente é um ser mergulhado em uma esfera social e que deve ser assistido em toda a sua totalidade.

A busca por justiça social e pelo bem não é exclusiva apenas a alguns indivíduos. Nesta perspectiva, somos todos atores sociais, também responsáveis pela condução do (bem ou mal) viver tanto individual como coletivo. "A cidadania é realizável pela consciência dos atos que cada qual exerce" (*Palvequeires; Rozendo; Collete*, 1995, p.167).

Assistência de Enfermagem ao Portador de Deficiência Visual

A definição de enfermagem tem sido desenvolvida ao longo do tempo. "Florence Nightingale (...) escreveu, em 1858, que o principal objetivo da enfermagem era manter o paciente na melhor condição para que a natureza possa agir sobre ele. (...). A American Nurses Association (ANA) no seu Estatuto de Política Social, de 1995, define enfermagem como o diagnóstico e o tratamento das respostas humanas à saúde e à doença (*Smelter; Bare*, 1998). Baseados nesse trecho, podemos afirmar que a enfermagem desde a sua criação, está voltada para o cuidado do outro, quer seja na prevenção, no tratamento ou na reabilitação.

Um determinante para garantir uma assistência de enfermagem efetiva é a comunicação. Muitos fatores contribuem para o processo de comunicação. Para ser bem sucedida, a mesma deve ser apropriada para a situação, de duração adequada e emitida com nitidez. Por isso, para se obter uma comunicação efetiva é necessário o uso de técnicas de comunicação por parte da equipe de enfermagem, incluindo-se o ouvir (*Whaley; Wong*, 1989).

O papel da enfermagem na prestação de cuidados de saúde está sempre mudando. A população ao qual ela volta seus cuidados também está mudando, pois tem se tornado ao longo do tempo mais conhecedora do que seja saúde e promoção da saúde. Isso está sendo estimulado pelos meios de comunicação, que tem tornado o público mais consciente de que saúde é um direito básico e não um privilégio de poucos.

As mudanças que ocorrem nas populações e as necessidades de cuidados de saúde voltados a grupos específicos, alteram a eficácia dos métodos tradicionais de prestação de assistência, exigindo mudanças de longo alcance em todo o sistema de saúde (*Smelter, Bare*, 1998).

Percebemos isso quando nos deparamos com um atendimento de enfermagem voltado a uma pessoa cega, geralmente crivado de falhas e que deixa muito a desejar. A responsabilidade disso não é exclusiva do profissional de enfermagem, mas de um conjunto de fatores que contribuem para que essa realidade ainda persista. Como um dos principais fatores, podemos citar a própria formação profissional que não oferece o preparo suficiente para que o mesmo

desenvolva habilidades e consiga intervir satisfatoriamente diante de uma pessoa portadora de cegueira. Devido a isso, mais do que nunca sentimos a necessidade de buscar novos meios de atuação para assistir com sucesso as várias clientela que existem, levando em consideração suas particularidades, como é o caso dos cegos.

Por isso é preciso "experimentar diferentes modos de cuidar, de modo que não se cristalize a impressão de que há um único modo de olhar para as questões de saúde/enfermidade (...), sem aderências a formas de ocultação da natureza humana, sem perpetuação de ideologias que se impregnam nas mentes como se fossem verdades, sem dogmas, mas com comprometimento, diferenciando o que precisa ser diferenciado, reafirmando valores e princípios consentindo as mudanças necessárias nesse novo mundo que se delinea" (Leopardi, 1995).

O cego mesmo sendo uma pessoa forte para poder enfrentar as dificuldades impostas pelo dia a dia, é um indivíduo que possui suas limitações e suas particularidades. Essas especificidades não podem, em momento nenhum, ser ignoradas pelos profissionais da equipe de enfermagem.

METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo de caso, onde exploramos a assistência prestada pela equipe de enfermagem durante um internamento hospitalar na rede pública, vivenciado por uma mulher cega de 36 anos. "Estudo de caso são investigações em profundidade de uma pessoa, grupo, instituição ou outra unidade social" (Polit; Hugler, 1995).

A coleta de dados, precedida da explicação do teor do estudo, da garantia do sigilo e da liberdade de abandoná-lo a qualquer momento pela entrevista, realizou-se no mês de junho de 1999 e o método foi uma entrevista semi-estruturada com registro consentido em fita cassete. O instrumento utilizado foi composto pelos dados de identificação e perguntas norteadoras que estimularam o relato acerca da última vez que utilizou o serviço de saúde hospitalar, o conhecimento sobre os direitos humanos e o que seria um bom atendimento.

A análise qualitativa dos dados se deu no modelo de categorias temáticas. "Categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento, segundo o gênero (analogia) com os critérios definidos" (Rodrigues; Leopardi, 1999).

RESULTADOS

Após escuta exaustiva das falas, as mesmas foram transcritas e emergiram categorias temáticas que representam os resultados. As categorias foram denominadas em: comunicação, assistência de enfermagem, ética, direito à saúde e deficiência visual. Passamos a apresentar os relatos das falas que configuraram as categorias.

Comunicação

Algumas enfermeiras se apresentam, outras não. Algumas dizem o nome, sou enfermeira tal, vim fazer ...

... falavam: vim fazer sua assepsia, vim colocar seu soro, sempre elas falavam.

... alguns profissionais dizem quem são, mas nós deficientes temos uma... quando a gente fala uma vez, duas pronto, já conhece a voz (...), mas eles não sabem disso não, quer dizer, eles acham que a gente não sabe.

A Comunicação "consiste em todos aqueles comportamentos através dos quais uma pessoa consciente ou inconscientemente, afeta a outra".¹² Entende-se por comunicação o meio pelo qual as relações humanas são desenvolvidas. Isso implica dizer que a comunicação é o veículo através do qual a enfermagem transmite sua empatia ao paciente no decorrer da assistência.

Percebemos nessas falas que o relacionamento interpessoal entre profissional e paciente está falho, pois em alguns momentos, conforme relatado, não está havendo completa identificação por parte do profissional de enfermagem.

Essa apresentação deve acontecer antes da realização de qualquer intervenção, seja ela invasiva ou não, onde deve ser esclarecido o nome do profissional, e sua função e o tipo de procedimento a ser executado, para que o paciente fique tranquilo e se sinta seguro durante o tratamento.

A identificação é uma questão ética que deve ser priorizada em todo e qualquer atendimento. Essa comunicação precisa se dar de forma oral, nítida e clara, em particular para o portador de cegueira, para que o mesmo tenha condições de se familiarizar com o profissional que o está acompanhando.

Quando se perde um dos órgãos dos sentidos, desenvolve-se muito os quatro restantes, e no caso do cego, a falta da visão é compensada pela exacerbação da sensação tátil e auditiva. Os membros da equipe de enfermagem, em geral, não têm conhecimento das especificidades da clientela composta pelos cegos, notando-se bem isso quando a entrevistada fala do desconhecimento dos profissionais acerca da sua facilidade de reconhecimento e identificação das vozes.

Assistência de Enfermagem

... geralmente quem vem é o auxiliar, a maioria das vezes é o auxiliar, a enfermeira vem mais para ver como a gente está. Mas, para tirar a pressão, para fazer clister, para fazer tricotomia ... tudo é o auxiliar, a enfermeira fica mais é só mandando.

A enfermeira ganha para não fazer quase nada ... Geralmente acontece isso da enfermeira trabalhar muito pouco e exigir muito da auxiliar, né.

No geral, eu te asseguro que fiquei até surpresa com o atendimento pela equipe de enfermagem, porque sempre que a gente vai fazer um tipo de cirurgia, já vai nervoso, mesmo que seja simples ... foi muito bom.

"Cuidar é um ato individual que prestamos a nós próprios desde que adquirimos autonomia, mas é, igualmente, um ato de reciprocidade que somos levados a prestar a toda a pessoa que tem necessidade de ajuda para assumir as suas necessidades vitais" (Colliére, 1989).

A assistência de enfermagem, propriamente dita, foi percebida pela entrevistada como executada na maioria das vezes pelo auxiliar, pois ele foi o profissional que mais próximo da paciente ficou, enquanto que o enfermeiro, segundo a entrevistada, apenas perguntava o seu estado e ministrava ordens aos auxiliares de enfermagem.

Muitos são os fatores citados pelos enfermeiros como sendo empecilhos para que os mesmos atuem na assistência ao paciente, como por exemplo, a grande demanda de atividades burocráticas, o número insuficiente de profissionais e outros. Será que o enfermeiro não está sentindo-se inseguro frente aos seus pacientes? Será que, nesse caso em especial, a cliente por ser uma portadora de cegueira, não o intimidou mais ainda e por isso ele mal se aproximou?

A ausência de enfermeiro próximo ao paciente é notada e verbalizada não só pela cega,

e como isso, o dogma de que "a enfermeira ganha para não fazer quase nada" vai crescendo. Mas nós, profissionais enfermeiros, somos os únicos culpados dessa situação. É preciso que tenhamos segurança do nosso saber e fazer e estejamos conscientes da nossa responsabilidade profissional, para que nos façamos presentes junto ao paciente e possamos mostrar-lhe o nosso valor.

Vale ressaltar que mesmo com todos estes entraves, a assistência de enfermagem foi satisfatória na opinião da entrevistada, porém é nossa responsabilidade refletirmos acerca do que pode ser melhorado para que ela se torne mais efetiva e atuante.

Ética

...elas tem um cuidado muito especial (...) tinham aquele cuidadinho ... já sabiam que eu era deficiente e as que já sabiam informavam, umas para as outras.

Quem é auxiliar não vai dizer: olha eu sou auxiliar... quase não se identifica não. Para nós, todo mundo que cuida é enfermeira.

A ética atualmente vem alcançando significativa importância na sociedade. "Ética é a teoria ou a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade" (Vásquez, 1997). Assumir uma postura ética significa desenvolver uma consciência sem a qual o exercício efetivo da profissão dificilmente se daria, quer dizer é tudo aquilo que permeia um desempenho profissional correto e que leve em consideração os direitos humanos.

No caso aqui descrito, os profissionais informavam uns aos outros acerca da cegueira da paciente. Era realmente necessário que aqueles que já sabiam da deficiência da paciente informassem aos que ainda não haviam tomado conhecimento, para que assim pudesse haver uma continuidade da assistência de enfermagem prestada a mesma, levando em consideração suas particularidades.

Está tomando-se cada vez mais comum as pessoas, como a nossa entrevistada, pensarem que todos os profissionais que realizam procedimentos sejam enfermeiros. Cabe ao enfermeiro se fazer presente e mostrar a diferença através de ações entre a sua intervenção e a dos demais profissionais da equipe de enfermagem.

Direito à Saúde

Alguns direitos eu sei, agora outros eles não cumprem e devido a isso a gente acha que é normal, né.

... eu uso a diplomacia, de calma, porque às vezes a gente chega num ambiente e as pessoas estão agitadas, irritadas e a gente tem que ir com calma, com um bom tratamento e às vezes, a gente consegue.

Um bom atendimento é ser bem atendido logo no início, pra gente ficar relaxada e ... deixe-me ver ... é deixar a gente bem à vontade e responder as perguntas cabíveis, que muitas vezes tem muitos profissionais de saúde que não gostam de responder (...). Tudo que eu perguntei eles me respondiam.

... e eu sempre sou uma pessoa que gosto muito de perguntar (...) perguntava o nome, o medicamento que eu estava tomando e o que iam fazer, e tudo mais.

Direito é o conjunto de normas, legitimadas pelo consenso da comunidade e sancionadas

pela autoridade do poder público, para orientar a conduta de pessoas e a organização da sociedade (Moura, 1989). As pessoas aos poucos estão tomando consciência dos seus direitos, mesmo que se tenha conhecimento apenas de alguns, isso já é considerado um grande avanço, visto que conscientes dos seus direitos mais facilmente os cobrarão, e quando todos nós reivindicarmos juntos, então poderemos ser ouvidos. Assim, o direito não é conferido às pessoas por uma norma jurídica, mas são os próprios seres humanos que se outorgam direitos, arrancando-os ou conquistando-os mediante luta pelo poder, como indica a história.

No artigo 25 da Declaração dos Direitos Humanos toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar (Moura, 1989). A saúde é um direito de todos e dever do Estado (Cohn, 1991).

Saúde é um dos direitos básicos do ser humano, e também um dos mais negados atualmente. Um bom atendimento deveria ser a meta de qualquer profissional da área da saúde, levando em conta que a grande maioria das vezes o indivíduo que procura o serviço, já chega massacrado pela sua doença e pela sua condição sócio-econômica.

Felizmente esse não foi o caso da nossa paciente, que, segundo o seu relato, informou ter sido muito bem atendida. Dentre outras coisas a necessidade de respostas para suas indagações eram supridas e a mesma sentiu-se muito satisfeita. Talvez isso tenha acontecido devido ao fato da paciente ser portadora de cegueira, e, por isso, ter chamado a atenção da equipe que se sentiu motivada a ajudar.

Deficiência Visual

O deficiente tem mais restrições tem mais limites (...). No nosso mundo de deficiente, a gente tem que enfrentar tudo que vem pela frente.

Não se explica que é deficiente visual, porque isso tá na cara, né. Mas às vezes a gente chega em um ambiente e as pessoas são tão dispersivas que não percebem.

... às vezes acontece de eu chegar num lugar e as pessoas nem darem atenção e eu ter que dizer: olha eu sou deficiente visual.

A "deficiência é a perda ou limitação de oportunidades de participar da vida comunitária com as demais pessoas" (Brasil, 1997a). Baseado nesse conceito, percebemos que o deficiente, incluindo o visual, ainda é considerado como um ser limitado cuja condição o impossibilita de viver igualmente com as pessoas que o cercam. E analisando a fala percebemos que a própria cega tem consciência do que é ser deficiente.

Quando nos deparamos com algo sobre o qual não temos grande conhecimento, achamos mais fácil ignorá-lo e passar adiante.

Hoje, as pessoas estão tão assoberbadas de atividades e responsabilidades, que deixam muitos detalhes passarem despercebidos. Isso é um dos fatores que contribui para que não seja dada a devida importância aos portadores de necessidades especiais, simplesmente porque não os percebemos.

Algumas vezes somos mais cegos do que os próprios cegos. Por isso, é preciso que se abram os olhos e a mente para que seja possível ver o deficiente visual como um ser humano igual aos outros, possuidor dos mesmos valores, defeitos e apenas com algumas necessidades especiais.

CONCLUSÃO

Enfrentar um internamento hospitalar não é coisa fácil. Nunca se sabe que tipo de pessoa vai se encontrar, a que tipo de profissional se está entregando a confiança e em que tipo de local se ficará, que por ser desconhecido, já amedronta. Quando esse paciente é uma pessoa cega, torna-se ainda mais complicado, pois a falta de visão dificulta sua adaptação.

O depoimento da cega sobre sua experiência de hospitalização permitiu organizar seu conteúdo nas temáticas comunicação, assistência de enfermagem, ética, direito à saúde e deficiência visual.

Certas intervenções podem minimizar a insegurança do paciente. A equipe de enfermagem, responsável pelo cuidar, é a que mais próximo do paciente fica, precisa estar atenta para poder oferecer apoio nesse momento de crise. E o profissional enfermeiro, como chefe da equipe de enfermagem, precisa estar capacitado para intervir.

Finalizando, os achados mostraram que a assistência de enfermagem ainda possui muitas falhas, mas, no geral, a paciente ficou satisfeita com o atendimento que lhe foi prestado durante sua hospitalização.

ABSTRACT: To face an hospitalization is not easy task and when the patient is a blind person it becomes still more complex, because the lack of the vision delays the person's adaptation. The nursing team works with the patient and needs to offer support on the moment of crisis. The nurse, as boss of the nursing team, needs to be qualified for intervening. This work is a case study where the authors intended to reflect about the nursing attendance offered during a blind person hospitalization. The qualitative analysis of the data based on the thematic categories model and showed that the experience of blind person hospitalization involved communication, nursing attendance, ethics, the human rights and blindness.

KEYWORDS: nursing, blindness, communication, ethics

RESUMEN: Hacer frente a una hospitalización no es una tarea fácil y cuando el paciente es invidente, es todavía más complejo, puesto que la falta de visión puede retardar su adaptación. El equipo de enfermería como está directa y constantemente tratando al paciente tiene que ofrecerle el apoyo necesario en ese momento de crisis. Así, el profesional de enfermería, como jefe del equipo, necesita estar capacitado para intervenir. Este trabajo es un estudio de caso que pretende reflexionar sobre la asistencia prestada por el equipo de enfermería y la actuación del enfermero junto a una invidente, durante una internación hospitalaria. El análisis calitativo de los datos se basó en el modelo de categorías temáticas. Los resultados mostraron que la experiencia de hospitalización de la paciente contempló las temáticas comunicación, asistencia de enfermería, ética, derecho a la salud y minusvalía visual.

PALABRAS CLAVE: enfermería, invidente, comunicación, ética

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Normas e recomendações internacionais sobre deficiências*. Tradução de Edison Cunha. Brasília: CORDE, 1997a. 111p.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Programa de ação mundial para as pessoas com deficiência*. Tradução de Edison Cunha. Brasília: CORDE, 1997b. 70p.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Programa Nacional de Direitos Humanos*. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social, Ministério da Justiça, 1996. 41p.

- BRUNNER; SURDDATH. *Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica*. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998. 369p.
- COLLIÉRE, M.F. *Promover a vida das práticas das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem*. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1989. 235-242p.
- CORDE. *Os direitos das pessoas portadoras de deficiência: Lei nº 7853-89 e Decreto nº 914/93*. Brasília: CORDE, 1994. 18p.
- LEOPARDI, Maria T. A Saúde e a condição humana. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E SAÚDE, 1., 1995. Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Sociedade de Estudos em Filosofia da Saúde, 1995. 186-188p.
- PAVELQUEIRES, Shirlene; ROZENDO, Célia; COLLETE, Neusa. A Ética na Enfermagem. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E SAÚDE, 1. 1995, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Sociedade de Estudos em Filosofia da Saúde, 1995. 160-168p.
- POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadette P. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 391p.
- RODRIGUES, Maria S.P.; LEOPARDI, Maria T. *O método de análise de conteúdo: uma visão para enfermeiros*. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999. 118p.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. Tradução de João Dell'Anna. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 260p.
- WHALEY, Lucille; WONG, Donna. *Enfermagem Pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 910p.